

Otimismo no comitê dos bancos

JOSÉ CARLOS SANTANA
Nosso correspondente



Rhodes: moratória iniciou a crise

LONDRES — O presidente do comitê de bancos credores do Brasil, William Rhodes, falou ontem com muito otimismo sobre o andamento das negociações para resolver a crise da dívida brasileira, mas acabou ficando irritado com a insistência dos jornalistas em saber o montante dos novos empréstimos que as instituições financeiras internacionais estariam dispostas a conceder ao País para pagamento dos juros, neste e no ano que vem.

“Vocês precisam entender que estamos num processo de negociações. Até que haja o acordo, os números vão mudando, e seria uma irresponsabilidade de minha parte mencionar cifras. Quando chegarmos a um entendimento vocês saberão.”

Rhodes foi um dos oradores da conferência internacional que o jornal *Herald Tribune* promoveu em Londres, com o apoio do Banco Interamericano do Desenvolvimento, sobre a dívida externa latino-americana: *Latin America: Towards Renewed Growth*. Uma reunião para troca de idéias entre banqueiros, analistas, acadêmicos e membros de governos da América Latina, sobre a melhor maneira de recolocar o continente no caminho do desenvolvimento econômico.

O primeiro orador da sessão de

ontem, último dia da conferência, foi o ex-presidente do *Federal Reserve* — banco central dos Estados Unidos —, Paul Volcker. Falou de improviso e num tom de absoluto otimismo, embora concordando que, no que diz respeito à dívida externa do Terceiro Mundo, praticamente, nada mudou.

Volcker, o único dos convidados que cobrou para participar da conferência — a cifra mencionada foi mil dólares —, afastou qualquer possibilidade de solução global para o problema dos débitos latino-

americanos e apontou o Plano Baker como a melhor de todas as iniciativas, até agora, para resolver a crise, declarando-se satisfeito com o fato de os países devedores terem percebido que ações radicais não levarão a lugar algum.

“As coisas estão caminhando. Devagar, mas estão.”

Foi também otimista o discurso de William Rhodes, obviamente, o orador mais solicitado — e mais educado — da conferência. Ele começou comparando o trabalho dele para resolver o problema da dívida externa do Terceiro Mundo ao mito do rei corintiano Sisyphus — um exemplo de persistência. Mas disse que se sente encorajado pelos últimos acontecimentos, como a iniciativa do México e o fim da moratória brasileira.

De uma maneira geral, ele disse, “houve uma melhoria nas posições tanto dos países devedores quanto das instituições credoras”.

Ao mencionar o problema do Brasil, no discurso, Rhodes fez um pequeno histórico do que aconteceu após a declaração da moratória e declarou que, de acordo com estudos de alguns economistas, a interrupção no pagamento dos juros teria custado aos cofres brasileiros de US\$ 1 bilhão a US\$ 1,5 bilhão. E isso por causa do cancelamento de algumas linhas de crédito de curto prazo, da perda de novos fundos propiciados por agências de crédito para exportação e bancos multilaterais de desenvolvimento.

“A declaração da moratória, em fevereiro do ano passado, foi um marco na crise da dívida. O fim da moratória, quando for oficializado, também deveria ser considerado um marco.”

Sobre as reclamações que se fazem com relação ao comportamen-

to dos bancos, ele disse que “os fatos mostram que, quando um país tem um programa econômico viável, os bancos comerciais o apóiam. Durante 1987, por exemplo, os bancos providenciaram cerca de US\$ 13 bilhões para os três maiores devedores — México, Argentina e Brasil”.

Mais tarde, numa entrevista coletiva à imprensa, e em conversas particulares com jornalistas brasileiros, ele voltou a dizer que está otimista quanto aos resultados das negociações com o Brasil, e que deve reunir-se com o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, no final da próxima semana, para os últimos acertos. Milliet vai primeiro conversar com as autoridades norte-americanas, em Washington, e em seguida viajará para Nova York.

“NEM DEUS VERÁ”

Finalmente, merece registro a quantidade de piadas sobre a dívida brasileira que os oradores contaram. Esta foi dita pelo panamenho Nicolas Ardito-Barletta, diretor-geral do Centro Internacional para o Crescimento Econômico:

“Gorbachev subiu até o céu e perguntou a Deus se era verdade que a União Soviética se tornaria capitalista. Deus respondeu: ‘É verdade, meu filho, mas você não viverá para assistir a isto’. Sob o presidente Reagan e pergunta: ‘É verdade que os Estados Unidos se tornarão comunistas?’. ‘É verdade sim, meu filho, mas você não viverá para assistir a isto’, respondeu o Criador. Finalmente, sob o presidente Sarney. ‘É verdade que o Brasil vai pagar a sua dívida externa?’. pergunta o ocupante do Palácio do Planalto. A resposta de Deus: Verdade é, meu caro, mas eu não viveréi para ver isto”.